

INB destaca potencial no mercado mundial de urânio

Brasil pode ter papel estratégico na expansão da energia nuclear mundial, aposta executivo

O presidente da Indústrias Nucleares do Brasil (INB), Tomás Albuquerque, afirmou que o Brasil pode assumir papel estratégico no novo ciclo de expansão da energia nuclear mundial. A declaração foi feita durante um encontro sobre Minerais Estratégicos e Energia do PDAC 2026, realizado em Toronto, no Canadá, no último dia 4. O evento foi promovido pela Câmara de Comércio Brasil-Canadá (CCBC), em parceria com o escritório Gardiner Roberts LLP, e reuniu autoridades governamentais, investidores e especialistas para discutir o papel dos minerais estratégicos na segurança energética global. O segundo painel, intitulado “O Renascimento do Urânio: Energia Nuclear no Caminho para a emissão Líquida Zero”, abordou a retomada do setor nuclear e a crescente demanda por combustível.

Segundo Albuquerque, em-

bora a energia nuclear tenha crescido globalmente entre as décadas de 1940 e 1950, o Programa Nuclear Brasileiro avançou de forma mais lenta. “O Brasil tem dois reatores em operação, Angra 1 e Angra 2, e um terceiro, Angra 3, em construção. Nosso programa acabou estagnado ao longo do tempo”, declarou. O presidente da INB explicou que o acordo original firmado com a Alemanha previa a construção de oito reatores, mas apenas Angra 2 foi concluído dentro dessa parceria. “Angra 1 utiliza tecnologia da Westinghouse, dos Estados Unidos. Angra 2 é de tecnologia alemã. E seguimos trabalhando para concluir Angra 3”, disse.

Com apenas duas usinas em operação, a necessidade brasileira de urânio se estabilizou em cerca de 450 toneladas por ano. “Com Angra 3, essa demanda deve chegar a aproximadamente 700 toneladas anuais. Como tínhamos reservas suficientes para atender



INB foi idealizada para impulsionar a produção da energia nuclear no país

essa necessidade, a exploração também desacelerou”, explicou.

O presidente da INB ressaltou que o baixo preço histórico do urânio contribuiu para esse cenário. “Na geração com óleo e gás, o combustível pode representar, em média, 75% do custo total. No nuclear, o combustível representa cerca de 15%, e o urânio é apenas uma pequena fração desse percentual. Sempre foi uma commodity muito barata”, afirmou. O cenário, no entanto, mudou de forma significativa nos últimos anos. “Nos últimos cinco anos, o preço do urânio saiu de cerca de 20 dólares para 85 dólares. As projeções indicam que pode chegar a 150 dólares ou mais. Estamos diante de um novo ciclo”, declarou.

Para Albuquerque, a retomada da energia nuclear é consequência direta do aumento da demanda

global por eletricidade e da busca por fontes de base com baixa emissão de carbono. “Ninguém está disposto a abrir mão do conforto. Não vamos desligar celulares, ar-condicionado ou reduzir consumo. A demanda por energia cresce todos os anos”, afirmou.

O presidente da INB destacou que, atualmente, há cerca de 70 reatores em construção no mundo, sendo 32 na China. “Esses países vão precisar de urânio e combustível. O Brasil pode ser um parceiro estratégico, porque domina todo o ciclo do combustível nuclear. Somos um fornecedor completo”, enfatizou.

Durante o debate, também foram discutidos os avanços nos Pequenos Reatores Modulares (SMRs) e nos microrreatores. Albuquerque explicou que, além dos reatores convencionais de grande por-

te, existem unidades menores que oferecem novas possibilidades de aplicação. Esses projetos ainda estão em fase de desenvolvimento e representam desafios técnicos relevantes. “Os SMRs já são projetos bastante desafiadores. Muitos estão sendo estudados, mas, no final das contas, apenas alguns realmente vão funcionar. Os microrreatores representam um desafio ainda maior e estão ainda em fase de projeto”, disse.

Para Albuquerque, o avanço dessas tecnologias, aliado ao domínio brasileiro do ciclo do combustível, reforça o posicionamento estratégico do país no novo cenário energético global. “O mundo vai precisar de urânio e de combustível nuclear. O Brasil tem recursos minerais, tecnologia e capacidade industrial. Podemos desempenhar um papel relevante nesse novo ciclo”, concluiu.

Setor de franquias já movimentava mais de R\$ 28,5 bilhões no Rio somente em 2025

O mercado de franquias no Rio de Janeiro movimentou mais de R\$ 28,5 bilhões em 2025, registrando crescimento de 7,1% em comparação com o ano anterior e consolidando o estado como o segundo maior mercado de franchising do Brasil. O avanço também se refletiu na expansão das operações: o número de unidades franqueadas em território fluminense chegou a 18.777, uma alta de 1,6%. Os dados são da Associação Brasileira de Franchising (ABF).

De acordo com a ABF, entre os segmentos que mais impulsionaram o faturamento do setor no estado, no último ano, estão Limpeza e Conservação, seguidos por Saúde, Beleza e Bem-estar, e Entretenimento e Lazer, áreas que vêm ampliando presença e

diversificando as oportunidades de negócios no mercado fluminense.

– O forte desempenho do setor de franquias mostra a vitalidade do nosso ambiente de negócios e a confiança crescente dos empreendedores no potencial econômico do Rio de Janeiro. Temos atuado para ampliar ainda mais as condições favoráveis aos investimentos, estimular a expansão das empresas e impulsionar a geração de empregos e renda nas diferentes regiões do estado – destaca o governador Cláudio Castro.

Segundo a Associação Brasileira de Franchising, além da capital fluminense, cidades da região Metropolitana e do interior têm se destacado na expansão das redes. Municípios como Niterói,



Farah fala de ambiente seguro e propício para investimentos

Duque de Caxias, Nova Iguaçu, São Gonçalo e Campos dos Goytacazes concentram novos investimentos, impulsionados pela densidade populacional e pelo crescimento de centros comer-

ciais. Já destinos turísticos como Cabo Frio, Armação dos Búzios e Angra dos Reis têm atraído marcas dos segmentos de alimentação, entretenimento e bem-estar, impulsionadas sobretudo pela

demanda gerada pelo fluxo de visitantes ao longo do ano.

– O setor de franquias é um dos motores do empreendedorismo, da geração de emprego e renda do estado. Nos últimos anos, construímos um ambiente seguro e propício para a expansão e novos investimentos do segmento em todo o estado – diz o secretário de Desenvolvimento Econômico, Indústria, Comércio e Serviços, Vinicius Farah.

Para Clodoaldo Nascimento, presidente da ABF Rio, o desempenho do estado está ligado à combinação entre mercado consumidor forte, turismo e vocação para o setor de serviços.

– O Rio reúne características favoráveis para o franchising, como alta densidade populacional – afirma.